

A PERCEPÇÃO DO ESPAÇO EM JOÃO CABRAL DE MELO NETO:
uma leitura da experiência em "O cão sem plumas"*

THE SPACE PERCEPTION IN JOÃO CABRAL DE MELO NETO:
an analysis of the experience in "O cão sem plumas"

LA PERCEPCIÓN DEL ESPACIO EN JOÃO CABRAL DE MELO NETO:
una lectura de la experiencia en "O cão sem plumas"

Amanda Pestana Pereira
Márcia Manir Miguel Feitosa

Resumo: *O cão sem plumas* (2007) é considerado um divisor de águas na poesia cabralina. O poema retrata a degradação do rio Capibaribe, um dos símbolos mais importantes da cidade de Recife, e discute questões relacionadas aos aspectos individuais e sociais do ser humano. Nessa obra, a poética construída por João Cabral de Melo Neto traduz a experiência adquirida do homem ribeirinho com o meio, relação que promove novas atitudes. Os versos do poeta pernambucano são analisados sob o viés da teoria da percepção da paisagem, de Yi-Fu Tuan, geógrafo chinês que estuda a relação entre o homem e o meio ambiente, destacando elementos essenciais como a experiência e os sentimentos.

Palavras-chave: Experiência. Espaço. Sentimentos.

Abstract: *O Cão sem Plumás* (2007) is considered a turning point on Cabral's poems. The poem portrays the Capibaribe River's degradation, one of the most important symbols of Recife, and discusses questions related to individuals and social aspects of the human being. On this poem, the poetic work built by João Cabral de Melo Neto translates the experience acquired by the man who lives by the river with its environment, relation that promotes new attitudes. The verses of the poet from Pernambuco are analyzed using the environmental perception theory, by Yi-Fu Tuan, a Chinese geographer that studies the relation between man and the environment, detaching essential elements like experience and feelings.

Keywords: Experience. Space. Feelings.

Resumen: El *cão sem plumas* (2007) es considerado un hito en La poesía de Cabral. El poema describe la degradación del río Capibaribe, uno de los símbolos más importantes de la ciudad de Recife y discute las cuestiones relacionadas con los aspectos individuales y sociales del ser humano. En esta obra, la poética construida por João Cabral de Melo Neto refleja la experiencia adquirida del hombre ribereño con el medio, relación que promueve nuevas actitudes. Los versos del poeta de Pernambuco son analizados bajo el sesgo de la teoría de la percepción del paisaje, de Yi-Fu Tuan, geógrafo chino que estudia la relación entre el hombre y el medio ambiente, destacando elementos esenciales, tales como la experiencia y los sentimientos.

Palabras clave: Experiencia. Espacio. Sentimientos.

1 INTRODUÇÃO

A poesia de João Cabral de Melo é, antes de tudo, uma denúncia social. Seus versos expõem o processo de degradação ambiental do Capibaribe e as condições desumanas em que viviam seus conterrâneos. O poeta trabalha com a quebra dos significados comuns e desenvolve um estilo em que mantém o sentido do poema direcionado a um texto engajado e crítico. As marcas literárias de João Cabral estão intrinsecamente ligadas à experiência com o rio que perpassa sua cidade natal.

Os versos que traduzem essa problemática são construídos de forma gradativa e as ideias vão se completando e configurando o espaço propício para a análise da situação do rio Capibaribe e da sociedade exploradora da época, marcada principalmente pelos valores que demonstram pouca consciência acerca das questões ambientais e sociais.

A obra *O cão sem plumas* está dividida em quatro partes. Nas duas primeiras – "Paisagem do Capibaribe" –, o poeta descreve a situação do rio de forma bastante pessimista. Nas duas

*Trabalho premiado durante o XXII Encontro do SEMIC realizado na UFMA entre os dias 25 a 27 de outubro de 2010.
Artigo recebido em fevereiro 2011
Aprovado em março 2011

últimas -"Fábula do Capibaribe e Discurso do Capibaribe"-, o poeta configura um espaço diferente: o espaço da esperança, da luta e da reação do homem. Tendo como objetivo a análise da categoria espaço no poema, empreenderemos uma leitura dos versos de João Cabral à luz da teoria da percepção da paisagem. Para tanto, desenvolveremos uma análise específica da primeira e segunda partes do poema, com destaque para a relação homem e meio ambiente a partir dos estudos de base fenomenológico-existencialista de Yi-Fu Tuan.

2 A TEORIA DA PERCEPÇÃO DA PAISAGEM

A forma como percebemos o meio ambiente físico, natural vai influenciar na maneira como nos relacionamos com ele. Essa é a ideia defendida por Yi-Fu Tuan através da teoria da percepção, destacada principalmente nas obras *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* (1980) e *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência* (1983).

Yi-Fu Tuan (1980, p. 4) desenvolve uma reflexão voltada para a percepção do espaço, definindo-a como "[...] a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados".

Para Tuan (1980, p. 5), dependendo da relação que as pessoas estabelecem com o ambiente, podem desenvolver o que ele irá chamar de topofilia, ou seja, "o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico". A topofilia ocorre quando o lugar ou o meio ambiente traz experiências positivas. O estudioso também articula ideias que ressaltam os sentidos humanos como meio de percepção do mundo, destacando que somos mais sensibilizados por alguns sentidos que por outros. O autor discorre ainda sobre o sentido da visão, classificando-a como seletiva e capaz de refletir a experiência. Dessa forma, tanto a paisagem que se viu, por exemplo, na infância, como a maneira que a vemos, modificam-se quando vistas em outro momento.

O geógrafo também ressalta que a percepção varia de acordo com cada pessoa. Assim, alguém que possui o temperamento melancólico, por exemplo, percebe a vida de forma diferente daquele que é irrequieto.

Tuan também destaca que há uma relação entre o meio ambiente e a visão do mundo. Para ele, "o meio ambiente natural e a visão do

mundo estão estritamente ligados: a visão do mundo, se não é derivada de uma cultura estranha, necessariamente é construída de elementos conspícuos do ambiente social e físico de um povo." (TUAN, 1980, p. 90).

Yi-Fu Tuan ressalta a ideia de valor, pois, para viver, o homem deve ter algum valor em seu mundo. O geógrafo ainda destaca que os pertences de uma pessoa são dotados de valor porque representam também a extensão de sua personalidade e, portanto, estar distante deles implica diminuir seu valor como ser humano, na sua estimativa.

Já na obra *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência* (1983), o geógrafo estabelece a diferença entre espaço e lugar associando o primeiro à liberdade e o segundo à segurança. Ainda esclarece: "os espaços são demarcados e defendidos contra os invasores. Os lugares são centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação" (TUAN, 1983, p. 4).

Apesar de trabalhar com tais conceitos, o estudioso também considera que na experiência a ideia de espaço geralmente se funde à ideia de lugar, pois o espaço pode tornar-se um lugar à medida que é conhecido melhor e dotado de valor. A ligação entre ambos é forte:

As idéias de espaço e lugar não podem ser definidas uma sem a outra. A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplitude, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. Além disso, se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar. (TUAN, 1983, p. 6).

O estudioso também destaca a experiência como elemento fundamental para a percepção. Nesse sentido, experiência é definida como: "[...] um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade" (TUAN, 1983, p. 9). A experiência está voltada para o mundo exterior e se relaciona ao aprendizado a partir da vivência. Por isso, os acontecimentos que as pessoas suportam ou sofrem, segundo o geógrafo, estão ligados às suas experiências que são, ainda, constituídas por sentimentos e pensamentos, uma vez que tais elementos dão colorido às experiências humanas.

3 O HOMEM E A EXPERIÊNCIA COM O CAPIBARIBE

Em *O cão sem plumas* (2007), a descrição da paisagem, inicialmente, se dá num plano superior, como se o eu-lírico estivesse fora,

apenas apresentando o rio. Posteriormente, porém, observamos que essa situação se modifica e o rio personifica-se e age em sua própria defesa.

O escritor pernambucano ressalta em "Paisagem do Capibaribe" a situação calamitosa do rio, descrevendo a paisagem de forma pessimista. O rio é apresentado como algo sem valor para a sociedade. Ele é apenas o espaço, um espaço do qual todos dependem, mas que não são capazes de valorizar. Para Tuan, o valor que atribuímos a um espaço é que o transforma em lugar. Dessa forma, o lugar é marcado pela intensidade afetiva na relação homem e meio ambiente.

O Capibaribe vai sendo descrito sempre como infértil, estéril, que não experimenta emoções como alegria, que não se abre a flores. Aos peixes por que não tem condições de alimentar vidas. O homem é descrito como amargurado, marcado pela dor e pelo sofrimento que não se abre à dinâmica da vida, pois o ambiente é tão infértil (e essa infertilidade chega ao coração humano) que não possibilita a existência de sentimentos que se voltam para a afetividade.

A desesperança para o Capibaribe está também representada quando o eu-lírico busca refúgio em lugares como o hospital, o asilo, o hospício, ambientes que, para serem habitados, precisam de uma motivação que indique necessidade, obrigação e não afeto ou desejo por habitá-los. A fuga, consequência do momento de pressão, torna-se uma saída. O hospital, o hospício, o asilo: qual o melhor espaço para aquele que já está à míngua? Nesse caso, os espaços exaltados são somente amplos, mas tão vazios que não possuem qualquer valor afetivo. Nenhum deles remete à ideia de lugar, como defende Tuan. É apenas a fuga, aquela pela qual ambos imploram. Por outro lado, indiferente a todo esse conflito, a hipocrisia reina. A sociedade aplaude com todo o desprezo tanto um quanto outro, pois não possui nem mesmo consciência sobre si mesma. A sociedade assume um papel passivo e está representada de modo semelhante a alguém que possui olhos, mas não vê; a alguém que possui ouvidos, mas não ouve.

O rio está contaminado por elementos que impedem a vida, e suas esperanças de sobrevivência pouco a pouco vão desfalecendo. De modo semelhante, o homem também está poluído e contaminado e, enquanto existirem elementos que contaminem a sua alma, ele

também vai perdendo a vida e a esperança.

Em determinado trecho do poema, a relação homem/ambiente sofre uma inversão. De repente, o homem, o transformador da paisagem, se vê sofrendo os efeitos do ambiente que ele próprio contaminou. Os papéis invertem-se e o rio passa de expectador a ator, personificando-se e apiedando-se do homem.

O rio é o reflexo do homem. A fragilidade do homem vai sendo desnudada à medida que o próprio rio vai se despindo: "Ali se perdem/como um espelho não se quebra/ali se perdem/como se perde a água derramada:/ sem o dente seco/com que de repente/num homem se rompe /o fio de homem" (MELO NETO, 2007, p. 144). Toda a auto-suficiência do ser humano dá lugar a uma longa jornada de dependência em relação ao rio, do qual tira seu sustento e com o qual mantém uma identificação. A relação homem/ meio expressa uma fusão ao mesmo tempo nobre e dolorosa, porque há uma união e um aprendizado em meio a toda essa luta.

Ambos seguem juntos na sua longa caminhada e ambos sofrem, como observamos em uma estrofe do poema de Melo Neto (2007, p. 145):

Na paisagem do rio
Difícil é saber
Onde começa o rio
Onde a lama
Começa do rio
Onde a terra
Começa da lama
Onde o homem
Onde a pele
Começa da lama
Onde começa o homem
Naquele homem

Até quando terão força para sobreviver? A fluidez do curso do rio e da jornada do homem pouco a pouco se torna pesada, silenciosa. Continuar é, para ambos os envolvidos, desesperador. O fardo é pesado. Quando a existência se torna pesada, o ser humano encontra-se diante de duas saídas: ou mergulha de uma vez por todas na lama em que se encontra, ou busca forças para retomar o curso interrompido.

As experiências dolorosas do rio e do homem os unem e são por meio de tais experiências que o homem aprende a lutar. O rio sofre com os dejetos, com as sujeiras, com as impurezas e com os elementos que arrancam a vida do seu meio, e o homem ribeirinho sofre com as dificuldades relacionadas à sobre-

vivência e com as condições indignas em que está mergulhado. Todas essas necessidades e situações adversas contribuíram para forjar um novo olhar, pois, como afirma Tuan (1980, p. 54): "a dor é indesejável, mas também é um meio de conhecer o mundo". De modo semelhante, a partir de tal situação, o homem é levado a tomar novas atitudes, visto que "[...] a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. 'Experenciar' é aprender, significa atuar sobre o dado e criar a partir dele" (TUAN, 1983, p. 10).

A esperança para o rio começa na terceira e quarta partes do poema, e então renasce a esperança também para o ser humano que, a partir daí, esboça novas atitudes, que implicam em luta e reação, pois "experenciar é vencer os perigos". (TUAN, 1983, p. 10).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como fundamento a ideia lançada por Tuan acerca de a experiência estar ligada às diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade, observamos que as experiências constituíram-se em elementos fundamentais para que o homem construísse uma nova realidade. A dor e o sofrimento experimentados, bem como a relação de identificação estabelecida com o rio proporcionaram uma nova visão acerca do mundo e geraram novas atitudes. Vale destacar que atitudes, segundo Tuan (1980, p. 4), representam "[...] uma postura cultural, uma posição que se toma em frente ao mundo".

Ressaltamos, porém, que as atitudes não

foram somente externas, mas também internas, pois os pensamentos e os sentimentos humanos também foram modificados à medida que o eu-lírico mergulhou na situação angustiante do Capibaribe. O rio, inicialmente, representado como o espaço, tornou-se importante para trazer à memória do homem sua fragilidade e sua nudez diante da miséria que o impedia de tomar uma posição frente ao mundo. Por esse valor e importância, o Capibaribe tornou-se um lugar, o lugar da reflexão.

Assim, tais maneiras de conhecer a realidade foram decisivas e interferiram na paisagem, possibilitando ao eu-lírico percebê-la não mais como morta, mas como garantia de vida e esperança. O ser humano, ao experimentar mudanças dentro de si mesmo, juntou-se à paisagem e essa união chama atenção para o compromisso de manter o fluxo da vida contínuo, apesar das situações contrárias: "Espesso/ porque é mais espessa/a vida que se luta/cada dia/o dia que se adquire/cada dia/(como uma ave/que vai cada segundo/conquistando seu vôo)" (MELO NETO, 2007, p. 153).

REFERÊNCIAS

MELO NETO, João Cabral de. *O cão sem plumas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.